

ASPECTOS DA GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO NUM BAIRRO URBANO POPULAR: O CASO DO BAIRRO “JARDIM TROPICAL”, MUNICÍPIO DE SERRA – ES.

Cleberon Prudêncio Saraiva
Tecnólogo em Mecânica pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).
Pós-Graduado em Engenharia de Produção pela Ufes.
Licenciado em Geografia pela Ufes.
Bacharel em Geografia pela Ufes.
Cleberonps@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma reflexão sobre a geofricidade da alimentação num bairro urbano popular, com enfoque no processo de escolha dos objetos geográficos que as pessoas fazem para a compra de provisões, a prática de agricultura em quintais e o consumo de alimentos orgânicos¹. O recorte espacial é o bairro Jardim Tropical, localizado no Município de Serra (ES), cuja população, em sua maioria, percebe de baixa renda, exerce atividades que exigem pouca qualificação educacional formal e vive um cotidiano bastante compartilhado.

A totalidade espaço-temporal é a realidade dos países subdesenvolvidos no contexto das profundas transformações sociais, econômicas e culturais provocadas pelo modelo de desenvolvimento adotado a partir da segunda metade do século XX. Esse modelo se baseia na modernização industrial, que tem gerado concentração socioespacial e elevada pobreza nas grandes cidades. Essa concentração socioespacial agrava uma trama de problemas sociais, entre eles a fome. Além disso, com o advento da Revolução Verde², o uso indiscriminado de insumos químicos industriais na agricultura tem causado a

¹ Alimentos cultivados com técnicas que sejam menos agressivas ao Meio Ambiente e capazes de proteger os recursos naturais, assegurar maior longevidade, tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos novos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica, ocorridos desde o final do século XIX (CAPORAL, 2008).

² “Revolução Verde é uma expressão genérica que designa o processo de mudanças tecnológicas, econômicas e sociais no rural brasileiro a partir da ampliação das políticas públicas de subsídios à agroindústria que propiciaram alterações nos padrões tecnológicos com a introdução massiva de sementes híbridas, dos agrotóxicos, dos fertilizantes de origem industrial, dos herbicidas, da motomecanização, de novos cruzamentos genéticos animais, dos hormônios para animais etc., provocando a especialização na produção, a concentração da terra e o êxodo rural.” (Carvalho, 2005, p.221).

contaminação dos alimentos (AGÊNCIA... Acesso em 30 abr. 2010), do solo e da água. Dessa forma, o tema da alimentação ganha ampla relevância na Geografia.

Nas grandes cidades, as pessoas podem adquirir seus alimentos, comprando-os em estabelecimentos comerciais distintos – grandes ou pequenos supermercados, mercearias, feiras livres ou Quilões (ou Kilões)³ e, até mesmo, em certos bares e determinadas padarias. A escolha do estabelecimento depende de fatores econômico-funcionais e cultural-afetivos que se colocam para cada indivíduo.

Outra possibilidade que as pessoas têm para obtenção de sustentos é pela prática da agricultura urbana, atividade que consiste na utilização de áreas citadinas – terrenos baldios, quintais domiciliares, hortos cultivados em conjuntos habitacionais, áreas sobre linhas de alta tensão etc. – para o cultivo de alimentos e plantas medicinais.

A agricultura domiciliar urbana apresenta um grande potencial de sustentabilidade ambiental. Como atividade terapêutica, melhora a autoestima; fortalece os laços do relacionamento social; incrementa o orçamento das famílias; e aproveita o lixo orgânico. Além disso, propicia a criação duma relativa autonomia produtiva de alimentos, valorizando o saber das pessoas e recuperando a condição de produzir o próprio alimento, escapando da alienação da alimentação.

O trabalhador, que, muitas vezes, não conhece a mercadoria que produz (MARX, 1979), também não conhece a qualidade do alimento que come nem o processo que o faz chegar a sua mesa. Ambas as situações de ignorância são redutoras da plena consciência da vida, isto é, alienação do trabalho e da alimentação.

No Brasil, existem iniciativas e instituições que desenvolvem projetos voltados para a agricultura urbana, baseada na Agroecologia – campo do conhecimento que encadeia o manejo ecológico dos recursos naturais com os aspectos sociais, econômicos e políticos, por meio de propostas de desenvolvimento participativo desde o campo da produção até

³ Quilões ou Kilões são estabelecimentos comerciais em que se vendem hortaliças, frutas, legumes e verduras.

a circulação alternativa de seus produtos, de tal maneira que contribuam para o enfrentamento da crise ecológica e social atual (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

MÉTODO E METODOLOGIA

Para analisar os aspectos da geograficidade da alimentação, adotou-se como recorte espacial o bairro urbano de Jardim Tropical, localizado no Município de Serra (ES), considerado como “bairro popular⁴”, por ser habitado por pessoas, em sua maioria, pobres, cujo cotidiano é flexível e criativo em face das necessidades de consumo não atendidas (SANTOS, 2002, p.323, p.326).

A categoria geográfica de *Lugar*, por meio do conceito operatório de *Cotidiano*, mostra-se bastante adequada para observar a interação social. Essa interação define-se como interdependência, encontros, cooperação e conflitos intensos nos centros urbanos, revelando, em tempos de globalização avançada, a materialidade do cruzamento de aspectos naturais, culturais, econômicos, sociais e políticos, oriundos, ao mesmo tempo, de heranças de ordem global e local, bem como duma dinâmica presente, aberta à espontaneidade e à criatividade dos indivíduos (SANTOS, 2002, p.322).

Uma teoria da organização do espaço urbano dos países subdesenvolvidos é sistematizada por Santos (1979), a partir de suas realidades próprias. Os componentes estruturantes disso são, dum lado, a modernização industrial e, doutro lado, a ação do Estado e dos monopólios empresariais responsáveis pelas condições de pobreza em que se encontra a maior parte da população. Tal arranjo provocou a migração dum grande contingente de pessoas do campo para as cidades.

⁴ O conceito de bairro popular aqui utilizado consubstancia-se pelos fatores econômico, social e espacial, em relação dialética. São agrupamentos sociais, demarcados político-administrativamente, cujas famílias, em sua maioria, são de baixa renda, isto é, recebem menos de dois salários mínimos (R\$465,00 em dez. 2009), exercendo profissões que requerem pouca qualificação educacional formal (domésticas, auxiliares de produção, motoristas, pedreiros, carpinteiros etc.). O cotidiano espacial e social é intensamente compartilhado, por meio da grande utilização das ruas (como se estas fossem extensões das casas) e pela cooperação entre os vizinhos, resultado da grande densidade populacional, da distância entre as residências e do nível econômico dos moradores, também dos problemas comuns com segurança e outras carências de serviços públicos (AFONSO; SERPA, 2007).

Posto que a economia citadina não tenha condições de absorver todo o excedente dos trabalhadores, estes precisam adaptar-se às condições da pobreza refletida na própria espacialidade dos lugares. Uma das consequências dessa arrumação é a existência dum ciclo de pobreza, tendo como resposta o surgimento de modos distintos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviço repartidos pelos *Dois circuitos da economia urbana*: Circuito Inferior (CI) e Circuito Superior (CS).

Essas condições são bastante presentes na história e na espacialidade de Jardim Tropical. Uma marca do CI é a grande quantidade de pequenos estabelecimentos comerciais (bares, lojas de artefatos usados, sorveterias, salões de beleza, lavanderias, oficinas de eletrodomésticos etc.), que muitas vezes não ‘sobrevivem’ por muito tempo. Além disso, parte expressiva dos moradores exerce atividades que requerem baixa qualificação educacional formal (motoristas, pedreiros, carpinteiros, auxiliares de produção, ajudantes, domésticas, lavadeiras, babás, quituteiras, catadores de lixo, carroceiros etc.), trabalhando e/ou efetuando seus consumos nos estabelecimentos e atividades ligados ao CI, sem, contudo, deixar de consumir e/ou trabalhar no CS (indústrias, comércio e serviços de bens modernos⁵, em geral de médio e grande porte, como bancos, restaurantes, lojas de roupas, eletrodomésticos, *shoppings* etc.).

Assim, a construção teórica de Santos (1979) oferece consideráveis elementos para se contextualizarem a origem e a dinâmica do bairro popular Jardim Tropical, o que corrobora a compreensão da geograficidade da alimentação presente na sua paisagem e no seu cotidiano.

A fim de apreender e descrever a realidade vivenciada pelos moradores do bairro em relação à escolha dos objetos geográficos para compra de alimentos e as ações de cultivo de quintais, bem como avaliar o consumo de alimentos orgânicos, valorizou-se, como método, a busca de elementos que permitissem entrever a identidade social, cultural (CUCHE, 1999, p.177) e espacial – ainda que estas tenham dinamicidade – dos

⁵ Bens modernos referem-se aos objetos fabricados por indústrias que introduziram inovações tecnológicas na produção, agregando novos padrões estéticos e funcionais, por exemplo, calçados de plástico, tecidos de nylon, eletrodomésticos, rádio portátil, alimentos em conserva, leite condensado, água sanitária etc. (SANTOS, 1999).

moradores do bairro, por intermédio da observação da paisagem e do cotidiano do local, concomitantemente à aplicação duma pesquisa qualitativo-quantitativa.

Além disso, realizou-se uma observação participante na feira livre do bairro, na qual foram comercializados alimentos orgânicos adquiridos com um produtor certificado pela Chão Vivo⁶, e fornecedor da Cooperativa O Broto⁷. Nesse experimento, fez-se ainda uma comparação de preços entre os alimentos convencionais e os alimentos orgânicos que participam da “cesta” que a Cooperativa vende nos bairros populares, visando a avaliar a estratégia de comercialização em feira.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ter o próprio local do fenômeno estudado como fonte direta dos dados, por ser descritiva e interessar-se pelo significado que os indivíduos dão as coisas, tendo uma natureza indutiva. Outra característica importante é que ela geralmente se direciona durante o andamento do estudo, com foco amplo e, em geral, sem empregos de técnicas estatísticas. Já os estudos quantitativos normalmente partem de hipóteses mais precisas, com variáveis definidas.

Os métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa, apesar das diferenças, não se excluem. É possível que num trabalho sejam combinados esforços das duas naturezas. Por um lado, uma situação particular, por exemplo, pode ter um grande significado para a interpretação da pesquisa; por outro lado, a estatística descritiva, por meio do uso de tabelas de frequência, gráficos, parâmetros (médias, modas, desvio padrão etc.), bem como o uso de técnicas de amostragem, contribuem para se perceberem tendências e comportamentos.

⁶ A Chão Vivo é uma instituição criada pelos produtores de alimentos orgânicos do Espírito Santo, sem fins lucrativos, apartidária, com sede em Santa Maria de Jetfbá, que visa a assegurar, por meio de certificação, a qualidade dos processos utilizados no cultivo de alimentos orgânicos. (CHÃO VIVO... Acesso em: 25 fev. 2010).

⁷ A Cooperativa solidária de alimentos orgânicos do Estado do Espírito Santo foi criada em 2003, mas, atualmente, está com suas atividades paralisadas. Seu projeto se dirige à realidade comunitária, às camadas populares das áreas urbanas e das áreas rurais, a um segmento que se mantém em precárias condições de reprodução e insuficiente renda auferida. “A cooperativa [...] repassa os produtos agrícolas orgânicos para o consumidor por um preço mais justo e remunera o produtor de forma mais regular e imediata, sem sobrepor necessidades meramente técnicas e interesses comerciais” (BERNADINO, 2006).

Então, os dois métodos podem se complementar, misturando procedimentos de natureza intuitiva e racional que permitem um melhor entendimento do assunto pesquisado (NEVES, 1996).

Por fim, ressalta-se que as observações da vida social, da paisagem e do espaço do bairro trazem a influência da percepção do pesquisador, repercutindo sobre o desenvolvimento do método, por conseguinte, sobre as análises deste trabalho.

RECORTE ESPACIAL

O bairro Jardim Tropical situa-se na área urbana do Município da Serra (ES), como mostra a Figura 1, ocupando uma área aproximada de 1km².

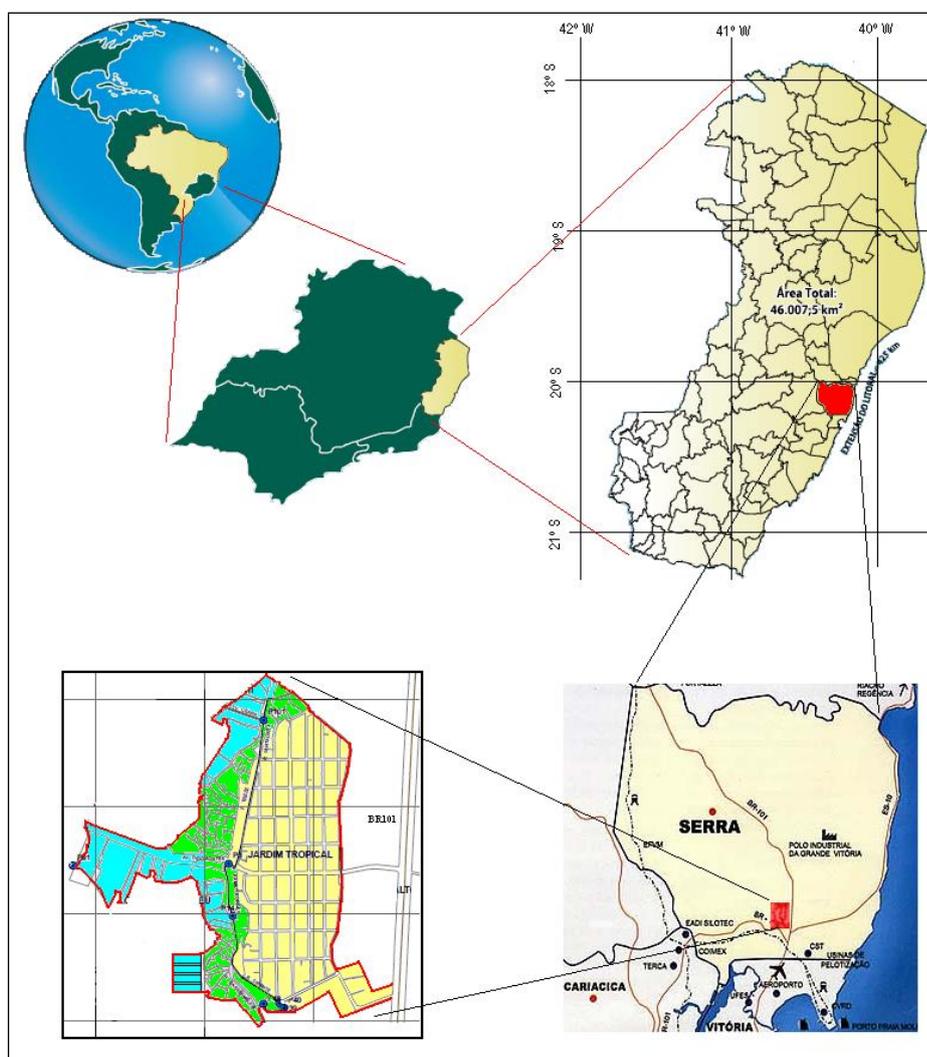


Figura I – Localização geográfica do bairro Jardim Tropical
 AS Fonte: Adaptado de INSTITUTO Jones dos Santos Neves, (2010); e da PREFEITURA Municipal)
 NI de Serra (2010).

O CASO DO BAIRRO JARDIM TROPICAL,
 MUNICÍPIO DE SERRA – ES.

Jardim Tropical localiza-se sobre três ambientes geomorfológicos: o Tabuleiro litorâneo de altitude aproximada de 40m; a Planície fluviomarinha do Rio Santa Maria – com cerca 5m; e as Encostas do planalto (Figura 2), os quais apresentam diferenciações socioeconômicas e espaciais, gravadas na paisagem e no cotidiano.

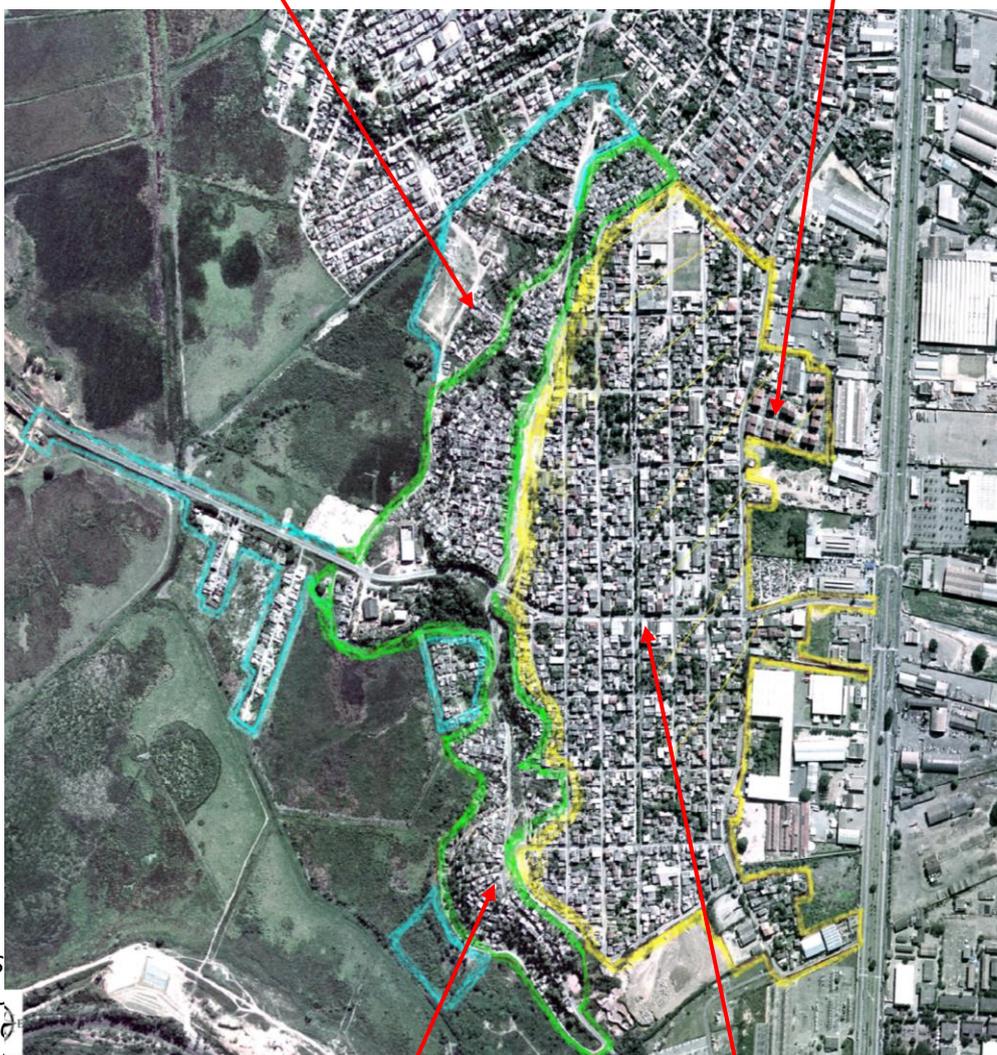
A maior parte das pessoas de renda mais alta reside na área de Tabuleiro; as percebem renda mais baixa, na Planície e, sobretudo, nas Encostas. Isso também pode ser visto pela posse de automóveis, que é bem mais representativa para as pessoas que residem na porção de Tabuleiro. A fração da Encosta apresenta um número muito grande de “becos” (vias de circulação muito estreitas que não permitem a passagem de carros) e casas sem reboco. No Tabuleiro, as ruas são bem definidas e mais amplas; as casas, em geral, são mais bem acabadas. A porção de Planície apresenta características mais semelhantes a porção de Encosta.

A população do bairro no ano de 2000 era de 6541 moradores, residentes em 1849 domicílios na porção de Tabuleiro. Já as áreas de Planície e Encostas detinham 3.614 habitantes, em 902 domicílios respectivamente (PREFEITURA..., 2010). O contexto de seu surgimento e do aparecimento de vários outros bairros populares da Grande Vitória se deu a partir de meados da década de 1960, quando ocorreu, no Espírito Santo, um processo de redistribuição da população, com grande transferência de mão de obra das zonas rurais – interior do Espírito Santo e de Estados vizinhos – para se aglomerar na região dinâmica do Estado, muito influenciada pela implantação dos grandes projetos industriais (CASTIGLIONI, 1994).

O bairro em questão apresenta uma diversidade de pequenos estabelecimentos que atendem à sua própria população, com centralidade na porção de Tabuleiro, onde também estão as escolas, o posto médico e a praça. Jardim Tropical abriga também muitos estabelecimentos que atendem demandas externas – serviços diversos, transportadoras, armazéns, oficinas industriais, distribuidoras de alimentos etc., localizados próximos à rodovia federal BR101.

A amostra da população pesquisada consistiu em 54 entrevistados, predominantemente mulheres (75%), todos casados, a maior parte com faixa de idade entre 30 e 60 anos. Os domicílios são habitados em geral por mais de três pessoas, majoritariamente adultos.

A renda das famílias é baixa, com mais da metade delas recebendo menos de dois salários mínimos (SM) e uma parcela insignificante recebendo mais de cinco. A seguir, expõem-se, na Figura 2, as marcas geográficas, arquitetônicas e urbanísticas das diferenciações socioeconômicas e espaciais gravadas nas paisagens e no cotidiano do bairro Jardim Tropical.



AS
NU
O C
MUNICI

8, 2010



*ASPECTOS DA GEOGRAFICIDADE DA ALIMENTAÇÃO
NUM BAIRRO URBANO POPULAR:
O CASO DO BAIRRO "JARDIM TROPICAL",
MUNICÍPIO DE SERRA – ES.*

Revista Geografares, n° 8, 2010

As atividades de trabalho exercidas pelos entrevistados são em geral de baixa qualificação educacional formal, predominantemente no setor de serviços. Os que estão efetivamente empregados são cerca de 40% dos entrevistados; os demais são aposentados, pensionistas ou autônomos. Os desempregados perfazem 16% do grupo pesquisado.

A maioria dos indivíduos trabalha no próprio Município, sendo a maior parte destes empregada no próprio bairro e uma parcela menor em bairros vizinhos. O grau de estudo de grande parte dos entrevistados é até a 4ª série (46,3%), mas quando se considera até a 8ª série, a proporção sobe para 77,8%.

No compartimento do Tabuleiro, está uma parte considerável dos entrevistados que possuem 2º grau: 58,3%. O tipo de moradia é quase que exclusivamente própria. Em relação à origem socioespacial⁸, mais da metade dos entrevistados veio de ambientes rurais (cidades do interior e roça), onde exerceram atividades ligadas à agricultura. Muitos deles são oriundos de cidades do Norte do Espírito Santo e Sul da Bahia, bem como dos Municípios fronteiriços de Minas Gerais, que migraram durante as décadas de 1960 e 1980.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A observação do cotidiano e da paisagem de Jardim Tropical fornece os elementos para o estudo dos aspectos da geograficidade da alimentação. A população predominantemente pobre apresenta dificuldades para acessar regularmente os bens de consumo correntes, como alimentos e vestuário. Essa população é formada por desempregados, subempregados, aposentados e assalariados com baixa remuneração. Por um lado, o CI manifesta-se nos estabelecimentos de pequeno porte, não modernos,

⁸ Neste trabalho o termo *roça* refere-se a ambientes rurais onde praticamente todas as pessoas trabalham na agricultura, sendo os domicílios, em geral, distantes uns dos outros. A expressão *cidades do interior* refere-se aos espaços muito próximos das áreas rurais, onde muitos dos habitantes trabalham na agricultura, mas residem em agrupamento maiores em que já existe aparelhamento público e comercial. As demais cidades correspondem aos ambientes urbanizados distantes das áreas rurais, dotadas de uma ampla diversidade de estabelecimentos comerciais, de serviços e de indústrias. Os deslocamentos para o trabalho são muitas vezes distantes, necessitando de uma rede de transportes públicos.

existentes no bairro, no comércio de pequena dimensão e nos serviços domésticos. Por outro lado, representando o CS estão as indústrias, o comércio e serviços modernos de maior porte, localizados no entorno, os quais utilizam parte da mão de obra do bairro e mantêm negócios com os estabelecimentos locais.

Dessa forma, é no contexto dos *Dois circuitos da economia urbana*, articulados com aspectos culturais, psicológicos e condições físicas (idade avançada, estado de saúde) dos entrevistados, que se desenvolvem as análises da geograficidade da alimentação em relação aos objetos geográficos para compra de alimentos, ao cultivo de quintais e ao consumo de alimento orgânicos.

As compras principais de alimentos, geralmente mensais, são feitas nos supermercados do bairro ou nos grandes supermercados do entorno. Fazem suas compras somente nos estabelecimentos de Jardim Tropical 40% dos 54 entrevistados. Destes, apenas quatro residem no compartimento de Tabuleiro.

Os grandes supermercados são frequentados exclusivamente por 41,5% das pessoas entrevistadas, com a maioria delas residindo no compartimento de Tabuleiro (58,3%) e tendo renda mais alta (3 a 5SM), sendo que cerca da metade dessas pessoas utilizam automóveis próprios, para realizar suas compras.

Entretanto, alguns entrevistados de renda mais baixa, inclusive pessoas idosas, dispõem-se a caminhar, a utilizar bicicletas, a ir de e ônibus ou táxi. O aspecto apontado para justificar tal escolha é de natureza econômico-funcional: o preço e a variedade dos produtos. As pessoas de maior poder aquisitivo tendem a comprar nos grandes supermercados do entorno, enquanto as mais pobres compram no próprio bairro - estas últimas frequentemente afirmaram que “se sentem bem” comprando no bairro pela “amizade e a confiança” que tem com os proprietários dos estabelecimentos.

Os grandes supermercados externos utilizam a propaganda televisiva como estratégia de territorialização, mostrando as promoções de alguns itens. Os supermercados locais

também se utilizam da propaganda, principalmente a distribuição de panfletos com ofertas para atrair os clientes.

Outro recurso é a entrega em domicílio. Esses pequenos estabelecimentos localizam-se no centro comercial do bairro, e agregam uma seção de *hortifrutis* (hortaliças, frutas, legumes) e açougue.

As mercearias têm quilões mais diversificados, e também entregam em domicílio; além disso, em alguns casos agregam bares aos seus serviços. Em geral, ficam mais longe do centro do bairro e captam clientes numa área menos abrangente. Os bares que vendem alimentos apresentam um volume de negócios muito pequeno, procurando valer-se das situações de urgência do recurso do “fiado” (crédito pessoal), tendo uma clientela bem restrita ao entorno de sua localização.

Outra modalidade de compra mensal de alimentos existente no bairro é o “*disk cesta*”, uma alternativa funcional, feita por telefone, em que a compra é entregue em domicílio. Essa opção é muito utilizada por quem necessita de crédito, não gosta de sair de casa ou tem dificuldades de deslocamento, sendo usada somente por entrevistados do compartimento de Planície e Encosta, contudo o valor dos alimentos é bem mais caro. As compras complementares – de menor volume e destinadas ao reabastecimento – são disputadas entre os supermercados do bairro, as mercearias e/ou os *kilões*, bem como entre os pequenos bares que comercializam alimentos.

A compra de *hortifrutis* pelos entrevistados ocorre preferencialmente na feira, nas mercearias e nos quilões do bairro. A feira apresenta como atrativos o entretenimento, a variedade e o preço dos alimentos. Como repulsa, são apontados problemas na qualidade dos *hortifrutis* devido ao amassamento dos produtos por excesso de manipulação e transporte, e à mistura entre itens “bons e ruins”, separados em bacias plásticas e vendidos juntos. A aquisição de *hortifrutis* nos grandes supermercados só é feita por ocasião da compra mensal.

Enfim, a escolha que o indivíduo faz entre tais objetos geográficos se dá em função de aspectos econômico-funcionais, como o preço dos alimentos, os gastos com

deslocamento, as condições de crédito e a posse de automóvel; ou de aspectos cultural-afetivos, como a amizade, a confiança, o bom atendimento e o hábito herdado dos pais.

A condição de saúde e situação empregatícia também são modificadores dessa equação. Se a pessoa for aposentada, ela terá mais tempo para pesquisar e se deslocar; e muitas vezes é isenta de pagar a passagem de ônibus. Se as condições de saúde forem ruins, comprar-se-á no próprio bairro e a entrega será feita em domicílio. O sentimento de pertencimento ao bairro parece agir também como motivador para consumos em estabelecimentos locais.

A situação de pobreza a que está submetida parte dos moradores do bairro pode causar restrições alimentares e mesmo a fome, o que potencializa a prática da agricultura nos domicílios, com o cultivo de quintais. Uma quantidade significativa das residências tem quintais livres (cerca de 80%), mesmo que sejam muito pequenos.

Em praticamente todos há algum tipo de planta, com predominância das frutíferas e medicinais, devido à necessidade de menores tratos. Contudo, considerando o uso intenso, cuja referência é a prática de hortas, menos da metade dos quintais livres são cultivados (45%). Na pesquisa, os entrevistados parecem não ver seus quintais como fonte de alimentação mais saudável ou alternativa de enfrentamento à pobreza. As residências que não possuem quintais são as alugadas, os apartamentos e aquelas com quintal pavimentado ou garagens.

As árvores frutíferas e as medicinais são as plantas mais cultivadas. As primeiras têm sido frequentemente cortadas devido à queda de frutos sobre telhados, sujeira, ação de raízes sobre as construções, risco de queda e reclamações de vizinhos, tendo como prejuízo o não aproveitamento dos frutos e a redução do conforto térmico propiciado pela sombra das árvores. A necessidade de reprodução material das famílias com ampliação da casa ou cessão de parte do quintal para os filhos construírem também é causa de corte de árvores e diminuição do cultivo dos quintais.

As hortas representam uma relação mais intensa com agricultura urbana porque exigem mais conhecimento e requerem mais cuidados. A pesquisa revelou que as pessoas que

cultivam horta também cultivam plantas medicinais e frutíferas. A variedade das hortas, em geral, é pequena, com grande incidência dos temperos (cebolinha, coentro, salsa); as hortas exuberantes não foram significativas na pesquisa. A criação de pequenos animais foi bem pouco expressiva, mas muito ligada às pessoas do interior ou da roça.

A origem socioespacial dos entrevistados que tem algum cultivo é predominantemente de ambientes mais ruralizados (cidade do interior e roças) com participação relativa nesse grupo, próxima de 70%, independentemente do tempo em que o indivíduo morou em tais espaços. As pessoas com grau de instrução mais baixo, (analfabetos e até a 4ª série) também apresentam uma participação maior nesse grupo. Em relação à renda, a pesquisa apontou uma participação um pouco maior do grupo de renda mais baixa, isto é, dos que recebem entre 1SM e 2SM.

Quando se considera o grupo chamado de “17mais” – os 17 entrevistados que possuem os três tipos de plantas em seus domicílios – verifica-se que uma parte significativa desses reside no compartimento de Encosta, tem origem socioespacial em cidades do interior e roças, grau de estudo até a 4ª série, com idade acima de 60 anos. Entre as pessoas que não têm nenhum cultivo, os impeditivos citados na pesquisa são o estado de saúde, a idade avançada, o preço da água, a pavimentação dos quintais, presença de cachorros no quintal e o uso do tempo para entretenimento. Nesse grupo, porém, também há participação pessoas de origem rural e grau de estudo mais baixo.

Assim, percebe-se que a vida urbana tende a provocar a redução ou perda da prática de cultivo, principalmente por motivos econômico-funcionais. Tudo isso faz com que não haja transferência do saber agrícola para os descendentes. Quando um indivíduo, devido à falta de dinheiro, sofre privação alimentar, verifica-se que em poucos casos ele utiliza seu quintal para enfrentar tal problema, como evidenciado na pesquisa. Deve ser destacado também a tendência de as pessoas mais pobres, de menor grau de estudo e que viveram em ambientes rurais, terem uma participação maior no grupo pesquisado.

Em relação ao consumo de alimentos orgânicos, os entrevistados têm representações que os relacionam aos ambientes rurais e ao não uso de venenos, agrotóxicos e remédios, sendo chamados de alimentos “naturais”, “da roça”, “que usam esterco” ou

são cultivados “sem venenos”. A maioria das pessoas que disseram conhecer os orgânicos reside na porção de Tabuleiro, com participação relativa um pouco maior dos entrevistados de renda mais alta. A proporção delas sobre o grupo dos entrevistados que possuem cultivos e sobre o grupo dos não que possuem é muito parecida.

A televisão é o canal de comunicação mais citado como fonte de informação; ela estimula a explicitação do entendimento vivencial dos entrevistados, sobretudo os de origem rural. A pesquisa revelou também outros meios de informação sobre os alimentos orgânicos: pessoas que trabalharam em organizações de economia solidária ou que tiveram contato com o assunto em eventos esportivos. O preço, principalmente, e em menor grau, a oferta foram as dificuldades apontadas para o consumo. Contudo, os mesmos entrevistados que consumiram orgânicos da Cooperativa O Broto deixaram de comprá-los, queixando-se da quantidade excessiva de itens e do tamanho e da qualidade de alguns produtos.

O ensaio da barraca experimental feita na feira de Jardim Tropical demonstrou a aceitação dos orgânicos quando o preço se compatibiliza com os alimentos convencionais e quando a composição do que se compra pode ser escolhida. O consumo de orgânicos no grupo pesquisado é praticamente inexistente devido aos altos preços e pouca oferta, ainda que as pessoas tenham ideia de que os alimentos possam conter resíduos de agrotóxicos.

Em alguns casos em que a pessoa passa por problemas de saúde, sob recomendação médica, o indivíduo torna-se mais atento e atuante. Por razões econômico-funcionais, mesmo as iniciativas de economia solidária, como a da Cooperativa O Broto, são pouco valorizadas pelas pessoas, inclusive para as que têm algum nível de consciência da problemática da qualidade dos alimentos

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou identificar e analisar os aspectos socioespaciais da geografia criada pelo movimento da sociedade urbana em busca de seus alimentos, tendo como recorte espaço-temporal o bairro Jardim Tropical, no Município de Serra, ES. Assim, ao avaliar a escolha dos objetos geográficos de venda de alimentos, as ações sobre os quintais e o consumo de alimentos orgânicos, encontrou-se uma geograficidade complexa, constituída por aspectos econômicos, sociais, espaciais, culturais e psicológicos e físicos.

Para se proceder a esta pesquisa, buscou-se um método de análise que articulasse a realidade vivida com produção teórica da ciência geográfica, tentando-se evitar, por um lado, a simples descrição de indicadores e a exposição extensa do cotidiano sem as implicações espaciais e geográficas e, por outro lado, as teorizações sem ligação com realidade. A teoria dos *Dois circuitos da economia urbana* possibilitou-nos entender de forma contextualizada o cenário socioeconômico do bairro popular Jardim Tropical, fornecendo elementos para a compreensão de sua geograficidade da alimentação. O cotidiano está bastante representado pelas vivências dos moradores, trazidas nas entrevistas. Os dados obtidos podem apontar linhas de investigação mais específicas, não aprofundadas neste momento. Ao aplicar os questionários, foi possível ouvir os gostos, sorrir junto, sentir alegrias, saudades e frustrações relacionadas à alimentação. Esses sentimentos interagem com as questões econômicas e políticas apontadas pela teoria de Santos (1979). Nessa articulação, desenvolveu-se o método de análise deste trabalho.

A fim de se intensificar o uso dos quintais para cultivos em bases agroecológicas e o consumo de alimentos orgânicos, é necessário fazer uma reflexão crítica acerca dos esquemas de reprodução material da sociedade, condição para o surgimento duma consciência questionadora. Contudo, mesmo que ocorra essa combinação, não há garantia de que isso se transformará em práxis, em ação cotidiana, em autonomia. As condições atuais da globalização têm imposto ao cotidiano das pessoas uma cultura de acomodação, talvez decorrente do estresse advindo de preocupações criadas por necessidades de toda ordem.

A ação humana parece estar condicionada a uma inércia racional, de cunho econômico-funcional, que, ao longo dos últimos anos, vem colocando-se como cultura hegemônica (SARAIVA 2008). Esta pesquisa deixa transparecer que a essa hegemonia contrapõem-se os valores da cultura dos espaços rurais e os valores afetivos e éticos, como amizade e a confiança. A aparente rigidez espacial do tempo atual tem um dado dinâmico decorrente das vicissitudes e do gesto dos atores das contracorrentes.

Cabe à Geografia, partindo duma natureza dinâmica, articulando as escalas local e global, procurar entender como os processos políticos, econômicos e culturais em andamento reestruturam essa própria natureza, apontando suas contradições e esquemas de reprodução e dominação (SARAIVA 2008). Assim, contribui-se para a “forma-ação” duma consciência crítica, que leve a sociedade e, sobretudo, as massas oprimidas, a lutar contra as situações de pobreza, dominação e exclusão (FREIRE, 1993). A disseminação de informações pode levar muitas pessoas à experiência do conhecimento, à conscientização, numa práxis de uma alimentação saudável e politicamente autônoma.

6 REFERÊNCIAS

AFONSO, L. D.; SERPA, A. S. P. **Perfil socioeconômico e cultural do bairro de Etapa, em Salvador – BA**, 2007. Disponível em: <<http://www.geografia.ufpr.br>>. Acesso em: 26 fev. 2010.

AGÊNCIA Nacional de Vigilância Sanitária. **Programa de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos** – Para: nota técnica para divulgação dos resultados do Para de 2008. Brasília, 15 de abril de 2009. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2009/pdf/150409_para.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2010.

BERNADINO, Renata Venturim. Cooperativa solidária de alimentos orgânicos do Estado do Espírito Santo. "O Broto": um despontar para a sustentabilidade. In: Os urbanitas. **Revista de Antropologia urbana**, ano 3, volume 3, número 4.

CARVALHO, Horácio Martins (Org.). **O campesinato no século XXI**: possibilidades e condicionantes do desenvolvimento do campesinato no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2001.

CHÃO VIVO – Associação de Certificação de Produtos Orgânicos do ES. **Certificadora Chão Vivo**. Disponível em: <<http://www.chaovivo.com.br/novo/index.asp>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

CAPORAL, F. R. e COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e extensão rural: Contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**, 2004 Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/artigos-e-revistas>. Acesso em: 28 abr. 2010.

CASTIGLIONI, A. H. Processo de crescimento da Grande Vitória. **Revista Instituto Jones**, 1994, ano VII, n.1. Vitória.

CUCHE, Denys. **Cultura e identidade**. In: A noção de cultura em ciências humanas. Bauru: Edusc, 1999, p.175-202.

IDAF **Levantamento Mestre Álvaro**. 2009. Imagem aérea, arquivo eletrônico.

INSTITUTO Jones Santos Neves. **Espírito Santo em mapas**. 2. ed., 2009. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/esmapas/>. Acesso em 22 fev. 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução portuguesa do Inglês por Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, 1989.

NEVES, José Luís. **Pesquisa qualitativa: Características, usos e possibilidades. Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo, n. 3, 2º semestre v.1, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

PREFEITURA Municipal da Serra. **Mapas dos Bairros de acordo com a lei de Bairros nº 3.421/2009** de 27/07/2009 <disponível em <http://www.serra.es.gov.br/>> Acesso em 15/01/2010.

_____. **Serra em números**. 2. ed.. Disponível em: <<http://www.serra.es.gov.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2010.

PROJETO RADAM BRASIL – **Mapa geomorfológico**, 1983.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARAIVA, C. P.; SANTOS, C. M.; TONONI, J. T.; PADILHA, R. B.; BORGES, R. M. 2008. **Por uma Geografia da autonomia**. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Geografia) – Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

SCARIM, P. C. e LUCCI P. H. G.. **Relatório final:** projeto geografia dos alimentos. Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

RESUMO

Estudo da alimentação como uma necessidade humana e um fenômeno social, portador de geograficidade. Análise dessa questão por meio do fluxo de pessoas que vão aos objetos geográficos e vendem alimentos, por intermédio do cultivo dos quintais domiciliares e do consumo de alimentos orgânicos. Definição de totalidade espaço-temporal a partir da construção teórica dos *Dois circuitos da economia urbana*, de Milton Santos, articulada com a observação da Paisagem e a vivência do Cotidiano, ambas complementadas por uma pesquisa qualitativo-quantitativa na área deste estudo. Conclusão de que, se por um lado, a geograficidade da alimentação baseia-se sobretudo em razões econômicas e funcionais, por outro lado, participam nisso, em menor intensidade, os fatores culturais e afetivos.

Palavras-chave: Geograficidade da alimentação. Agricultura urbana. Alimentos orgânicos.

ABSTRACT

Food is a human need, social phenomenon, holder of geographicity. This question can be analyzed through the flow of people going to the geographic objects that sell food, the cultivation of their backyards and consumption of organic foods. The study developed here considered as a whole timeline to theoretical construction of the Two Circuits of Urban Economy of Milton Santos combined with observation of the landscape and daily life, complemented by a qualitative and quantitative research in the study area. It was concluded that geographicity feed is based mainly on economic and functional reasons; on the other hand, are less intense, emotional, cultural factors.

Keywords: Geographicity Feed. Urban Agriculture. Organic Foods.